

Análise da Pesquisa Nacional de Preços da Cesta Básica de Alimentos

CONAB E DIEESE

CURITIBA
JUNHO DE 2026



Análise da Pesquisa Nacional de Preços da Cesta Básica de Alimentos

CONAB E DIEESE

CURITIBA
JUNHO DE 2026



JULHO DE 2026

Curitiba, 08 de julho de 2026.

ANÁLISE MENSAL

Em junho, custo da cesta aumenta em 17 capitais

Em 2024, a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) e o Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE) firmaram parceria para acompanhamento dos preços da cesta básica de alimentos, como contribuição à Política Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional e à Política Nacional de Abastecimento Alimentar.

Um dos frutos da parceria é a ampliação da coleta de preços de alimentos básicos de 17 para 27 capitais brasileiras. Os resultados da Pesquisa nas 27 capitais começaram a ser divulgados em agosto de 2025.

Em junho, o valor do conjunto dos alimentos básicos aumentou em 17 capitais brasileiras e diminuiu em outras 10, segundo a Pesquisa Nacional da Cesta Básica de Alimentos, realizada mensalmente pelo DIEESE em parceria com a Conab. Entre maio e junho de 2026, os aumentos mais importantes ocorreram em Boa Vista (3,28%), Palmas (3,01%), Rio Branco (2,20%) e Porto Alegre (2,18%).

São Paulo foi a capital onde o conjunto dos alimentos básicos apresentou o maior custo (R\$ 965,47), seguida por Cuiabá (R\$ 937,93), Rio de Janeiro (R\$ 920,94) e Florianópolis (R\$ 918,42). Nas cidades do Norte e do Nordeste, onde a composição da cesta é diferente, os menores valores médios foram registrados em Aracaju (R\$ 630,40), São Luís (R\$ 654,73), Maceió (R\$ 671,41) e Natal (R\$ 686,07).

Na comparação dos valores da cesta em 12 meses, ou seja, entre junho de 2025 e junho de 2026, houve aumento em 26 capitais. As altas mais expressivas foram registradas em Cuiabá (14,71%), Aracaju (13,12%) e Belo Horizonte (12,52%). Em São Luís, a cesta ficou praticamente estável (-0,09%).

Nos primeiros seis meses de 2026, todas as cidades registraram alta nos preços da cesta básica, com taxas que oscilaram entre 4,02%, em São Luís, e 21,48%, em Fortaleza.

Com base na cesta mais cara, que, em junho, foi a de **São Paulo**, e levando em consideração a determinação constitucional que estabelece que o salário mínimo deve ser suficiente para suprir as despesas de um trabalhador e da família dele com alimentação, moradia, saúde, educação, vestuário, higiene, transporte, lazer e previdência, o DIEESE estima mensalmente o valor do salário mínimo necessário. Em junho de 2026, o salário mínimo necessário para a manutenção de uma família de quatro pessoas deveria ter sido de **R\$ 8.110,92** ou 5 vezes o mínimo reajustado em R\$ 1.621,00. Em maio, o valor necessário era de R\$

7.999,44 e correspondeu a 4,93 vezes o piso nacional. Em junho de 2025, o mínimo necessário deveria ter ficado em R\$ 7.416,07 ou 4,89 vezes o valor vigente na época, que era de R\$ 1.518,00.

TABELA 1
Pesquisa Nacional da Cesta Básica de Alimentos
Custo e variação da cesta básica em 27 capitais
Brasil – Junho de 2026

Capital	Valor da cesta	Variação mensal (%)	Porcentagem do Salário Mínimo Líquido	Tempo de trabalho	Variação no ano (%)	Variação em 12 meses (%)
São Paulo	965,47	1,39	64,39	131h02m	14,13	9,37
Cuiabá	937,93	1,34	62,55	127h17m	18,53	14,71
Rio de Janeiro	920,94	0,71	61,42	124h59m	16,27	9,21
Florianópolis	918,42	0,55	61,25	124h39m	14,62	5,83
Porto Alegre	889,58	2,18	59,33	120h44m	13,44	7,00
Campo Grande	846,06	0,58	56,43	114h50m	9,04	6,69
Vitória	843,99	0,12	56,29	114h33m	16,06	7,87
Curitiba	842,76	-0,04	56,21	114h23m	14,21	6,70
Belo Horizonte	826,72	0,09	55,14	112h12m	14,30	12,52
Fortaleza	822,43	-0,32	54,85	111h37m	21,48	11,88
Goiânia	821,22	-0,54	54,77	111h27m	13,12	10,34
Brasília	800,85	-0,15	53,41	108h41m	12,13	3,56
Palmas	790,23	3,01	52,70	107h15m	16,62	10,16
Belém	759,41	0,55	50,65	103h04m	13,93	7,10
Boa Vista	753,09	3,28	50,23	102h13m	15,48	5,00
Teresina	737,56	0,63	49,19	100h06m	14,33	9,69
Manaus	732,90	0,64	48,88	99h28m	18,13	8,54
Macapá	717,46	0,10	47,85	97h22m	10,18	7,87
Rio Branco	704,28	2,20	46,97	95h35m	12,49	9,98
Recife	700,56	-3,62	46,72	95h05m	17,52	9,87
Porto Velho	698,01	1,18	46,55	94h44m	17,91	9,78
Salvador	696,22	-1,56	46,43	94h29m	14,61	11,60
João Pessoa	689,95	-3,97	46,01	93h38m	15,44	8,46
Natal	686,07	-3,48	45,76	93h07m	14,89	7,71
Maceió	671,41	-3,61	44,78	91h07m	13,86	10,24
São Luís	654,73	0,55	43,67	88h52m	4,02	-0,09
Aracaju	630,40	-3,42	42,04	85h34m	16,85	13,12

Fonte: Conab/DIEESE

Cesta x salário mínimo

Em junho de 2026, o tempo médio necessário para adquirir os produtos da cesta básica nas 27 capitais pesquisadas foi de 105 horas e 51 minutos, maior do que o registrado em maio, quando ficou em 105 horas e 50 minutos. Já em junho de 2025, considerando as 27 capitais analisadas, a jornada média foi de 104 horas e 03 minutos.

Quando se compara o custo da cesta e o salário mínimo líquido, ou seja, após o desconto de 7,5% referente à Previdência Social, verifica-se que o trabalhador remunerado pelo piso

nacional comprometeu em média, nas 27 capitais pesquisadas em junho de 2026, 52,02% do rendimento para adquirir os produtos alimentícios básicos e, em maio, 52,01% da renda líquida. Em junho de 2025, considerando as 27 capitais analisadas, o percentual médio ficou em 51,13%.

Principais variações dos preços dos produtos da cesta¹

O preço do **café em pó** caiu 25 cidades pesquisadas, com variações entre -4,82%, em Goiânia, e -0,39%, em Campo Grande. As altas ocorreram em Macapá (5,37%) e Natal (0,05%). Em 12 meses, o preço do café diminuiu em 25 capitais, com destaque para Rio de Janeiro (-23,82%) e Brasília (-23,36%). As quedas se devem ao avanço da colheita da safra 2026/2027.

Entre maio e junho de 2026, apenas Macapá (5,98%) registrou aumento no preço do **açúcar**. Em outras 25 capitais, houve redução do valor médio, com destaque para Rio de Janeiro (-7,16%), Porto Alegre (-4,93%) e João Pessoa (-4,27%). O preço ficou estável em Palmas. Em 12 meses, o preço caiu em todas as capitais, com variações entre -34,36%, em Belém, e -2,66%, em São Luís. O avanço da colheita de cana-de-açúcar na região Centro-Sul elevou a oferta e diminuiu os preços no varejo.

O preço do **óleo de soja** ficou menor em 24 cidades, com variações entre -5,43%, em Recife, e -0,35%, em Maceió. Em Macapá, o preço médio não variou, enquanto Aracaju (1,12%) e Manaus (0,65%) registraram altas. No acumulado de 12 meses, o valor médio do produto caiu em 16 capitais, principalmente em Florianópolis (-8,85%) e Manaus (-7,45%). As altas variaram entre 0,13%, no Rio de Janeiro, e 19,53%, em São Luís. A maior oferta do óleo e a demanda por biocombustível abaixo do que se esperava reduziram o preço do óleo de soja no varejo.

O valor médio do quilo da **batata**, pesquisada no Centro-Sul, aumentou em seis cidades. A maior alta ocorreu em Porto Alegre (13,86%). Os preços tiveram queda em outras cinco capitais, com destaque para Belo Horizonte (-7,74%). No acumulado de 12 meses, o valor da batata aumentou em todas as capitais, com percentuais entre 35,72%, em São Paulo, e 79,49%, em Vitória. À medida que a colheita avançou, abastecendo o mercado ao longo do mês, os preços do tubérculo foram diminuindo em algumas capitais.

O preço do **tomate** aumentou em 13 cidades. As maiores altas foram verificadas em Palmas (9,87%) e Porto Alegre (9,64%). As outras 14 capitais apresentaram queda, com destaque para as variações no Nordeste: João Pessoa (-25,83%), Recife (-22,86%), Maceió (-21,24%), Natal (-20,21%) e Aracaju (-19,33%). No acumulado de 12 meses, apenas São Luís

¹ Fontes de consulta: Cepea - Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada - ESALQ/USP, Unifeijão, Conab-Companhia Nacional de Abastecimento, Embrapa, Agrolink, Globo Rural, artigos diversos em jornais e revistas.

(-15,09%) registrou taxa negativa. Nas demais capitais, houve aumento, com destaque para os percentuais de Aracaju (57,45%), Maceió (48,56%) e Salvador (42,05%). Se, por um lado, a maturação mais lenta do fruto devido ao frio reduziu a oferta, por outro, os altos preços do varejo fizeram cair a demanda, o que explica o comportamento diverso entre as capitais do país.

O preço médio do **arroz agulhinha** subiu em 14 cidades, com destaque para as variações em Macapá (5,08%) e Rio Branco (5,01%), e diminuiu em outras 10. As principais quedas foram as de Belo Horizonte (-3,51%), Palmas (-3,40%) e Salvador (-3,08%). Em Porto Alegre, João Pessoa e Teresina, o preço médio não se alterou. No acumulado de 12 meses, apenas Porto Velho (3,45%) apresentou taxa positiva. Nas demais capitais, houve diminuição do valor médio, com destaque para Boa Vista (-27,09%), Natal (-22,18%) e Curitiba (-21,47%). A maior oferta, com o fim da colheita explicou a queda do preço do grão. Em contrapartida, as exportações cresceram, estimuladas pelo câmbio e maior demanda externa.

O preço do **leite integral** subiu em 16 cidades. As maiores altas ocorreram em São Luís (5,39%), Boa Vista (5,17%) e Maceió (4,27%). Em outras 10 capitais, houve queda nos valores médios, com destaque para Campo Grande (-3,17%). Em São Paulo, o preço médio não variou. Em 12 meses, o preço do leite integral aumentou em 22 capitais. As variações mais elevadas ocorreram em Salvador (9,44%) e Teresina (8,80%). Em algumas capitais, o movimento de queda dos preços dos derivados de leite começou a ganhar força, devido à maior oferta.

O preço da **carne bovina de primeira** subiu em 19 cidades, com variações entre 0,06%, em Vitória, e 3,10%, em Boa Vista. Em oito capitais, o valor recuou, com destaque para Macapá (-2,27%) e Recife (-2,00%). Em 12 meses, o preço da carne bovina de primeira aumentou em todos os municípios pesquisados, com percentuais entre 1,15%, em Macapá, e 17,92%, em Rio Branco. O comportamento diferenciado pode ser explicado pelos altos volumes de carne exportados e pela pouca oferta do produto, mas, internamente, o consumo enfraquecido puxou o preço do varejo para baixo em algumas cidades.

O preço médio do quilo do **feijão** aumentou em todas as capitais do Brasil, entre maio e junho de 2026. O grão preto, pesquisado nos municípios do Sul, no Rio de Janeiro e em Vitória, apresentou alta, que ficou entre 3,78%, no Rio de Janeiro, e 12,22%, em Vitória. Em 12 meses, quase todas as cidades acumularam aumento: Vitória (13,85%), Curitiba (7,81%), Porto Alegre (7,52%) e Rio de Janeiro (7,30%). Apenas Florianópolis (-2,18%) apresentou redução no valor médio. O tipo carioca, cujo valor é coletado no Norte, Nordeste, Centro-Oeste e nas cidades de São Paulo e Belo Horizonte, registrou alta de preço em todas as capitais, com percentuais que oscilaram entre 2,10%, em Belo Horizonte, e 18,92%, em Manaus. Em 12 meses, todas as cidades apresentaram percentuais positivos, variando entre 10,80%, em São Luís, e 70,95%, em Goiânia. As valorizações do produto têm sido sustentadas pela redução da área cultivada e pelas adversidades climáticas que afetaram a primeira e a segunda safras.

Curitiba

- Valor da cesta: R\$ 842,76.
- Variação mensal (jun/2026 / mai/2026): -0,04%.
- Variação no ano (jun/2026 / dez/2025): 14,21%.
- Variação em 12 meses (jun/2026 / jun/2025): 6,70%.
- Jornada necessária para comprar a cesta básica: 114 horas e 23 minutos.
- Percentual do salário-mínimo líquido gasto para compra dos produtos da cesta para uma pessoa adulta: 56,21%.

Em junho de 2026, o preço da cesta básica de Curitiba apresentou queda de -0,04% em relação a maio e ficou em R\$ 842,76. Em 12 meses, o valor acumulou elevação de 6,70%. Em 2026, registra alta de 14,21%.

Entre maio e junho de 2026, sete dos 13 produtos que compõem a cesta básica tiveram diminuição nos preços médios: café em pó (-3,63%), óleo de soja (-2,64%), banana (-2,04%), açúcar refinado (-1,96%), pão francês (-0,97%), tomate (-0,68%) e manteiga (-0,42%). Os outros seis alimentos apresentaram elevação de preço: feijão preto (9,06%), farinha de trigo (3,00%), arroz agulhinha (1,05%), leite integral (0,79%), batata (0,74%) e carne bovina de primeira (0,32%).

No acumulado dos últimos 12 meses, foram registradas elevações em sete dos 13 produtos: batata (42,04%), tomate (19,73%), carne bovina de primeira (8,06%), feijão preto (7,81%), banana (4,78%), leite integral (3,74%) e pão francês (2,78%). Apresentaram diminuição de preços: arroz agulhinha (-21,47%), café em pó (-20,11%), açúcar refinado (-10,71%), óleo de soja (-4,36%), manteiga (-3,32%) e farinha de trigo (-1,67%).

No acumulado do ano, ou seja, entre dezembro de 2025 e junho de 2026, sete produtos registraram alta: tomate (121,48%), batata (117,77%), feijão preto (23,31%), leite integral (18,59%), carne bovina de primeira (7,41%), pão francês (2,46%) e manteiga (1,00%). Os seguintes itens registraram queda de preço: banana (-15,53%), café em pó (-14,32%), óleo de soja (-12,47%), açúcar refinado (-10,91%), farinha de trigo (-2,83%) e arroz agulhinha (-1,29%).

Em junho de 2026, o trabalhador de Curitiba remunerado pelo salário mínimo de R\$ 1.621,00 precisou trabalhar 114 horas e 23 minutos para adquirir a cesta básica. Em maio de 2026, o tempo de trabalho necessário havia sido de 114 horas e 26 minutos. Em junho de 2025, quando o salário mínimo era de R\$ 1.518,00, o tempo de trabalho necessário foi de 114 horas e 28 minutos.

Considerando o salário mínimo líquido, após o desconto de 7,5% da Previdência Social, o mesmo trabalhador precisou comprometer, em junho de 2026, 56,21% da renda para adquirir a cesta. Em maio de 2026, esse percentual correspondeu a 56,23% da renda líquida e, em junho de 2025, a 56,25%.

Análise da Pesquisa Nacional de Preços da Cesta Básica de Alimentos

CONAB E DIEESE

Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos - DIEESE

Escritório Nacional: rua Aurora, 957, Santa Efigênia, São Paulo – SP – CEP 01209-001

www.dieese.org.br

Companhia Nacional de Abastecimento - CONAB

SGAS 901, Bloco A, Lote 69, Ed. Conab – Asa Sul – Brasília - DF – CEP 70390-010

www.gov.br/conab